

O "DOOPBOEK" DO RECIFE

Entre os documentos mais preciosos do arquivo da Comunidade Reformada de Amsterdam, sob os bons cuidados técnicos de meu amigo e ilustre historiador Dr. W. J. van Hoboken, está o códice nº 52, que contém o "doopboek", ou livro de registro de batismos realizados pelos ministros da Igreja Reformada Holandesa no Recife, no período de 1633 a 1654.

A Universidade do Recife vai publicá-lo agora, pela primeira vez, no Brasil, embora desde 1888 já esteja divulgado em uma revista holandesa de genealogia, por C. J. Wasch; entretanto, a edição Wasch apresenta inúmeros erros de leitura paleográfica, além de não ser o autor versado na história da presença flamenga no nosso país. Por tal motivo o texto não recebeu qualquer comentário; a publicação da Universidade do Recife apresentará uma longa introdução e anotações.

O livro do batismo do Recife é um dos raros documentos do gênero que se conservou, do período da ocupação holandesa de terras da América no século XVII. Outro é o da Ilha de Curaçao, que abrange os anos de 1659 a 1662 e interessa a nós brasileiros, pois muitos holandeses que deixaram Pernambuco após a rendição de 1654 para ali se transferiam. A todas estas publicações recorrem incessantemente os holandeses de hoje, pois é enorme na Holanda o interesse pelos estudos genealógicos. Em 1656 publicou-se ali valioso ensaio sobre uma família de bons burgueses, os Graswinckel, onde se encontram curiosas notícias acerca de um desse apelido que viveu no Recife.

A edição Wasch passou despercebida no Brasil e não consta da *Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil* de José Honório Rodrigues. Apenas o nosso conterrâneo Pedro da Cunha Souto-Maior (1854-1924) a ela se referiu no livro *Fastos pernambucanos*, publicado no Rio em 1913. Em breve, e pela primeira vez em português, o livro de registro de batismos revelará um sem número de informações que interessarão ao genealogista, ao historiador e ao demógrafo.

De cada batismo realizado, estão registrados a data, o nome do neófito, os dos seus pais e os das testemunhas ou padrinhos presentes ao ato. Há registros de batismos não só de holandeses, como de negros e de índios, num total de 1.590 batizados. Infelizmente o livro não está completo em todos os anos, sendo que em alguns não foram feitos registros durante vários meses; as informações são, presumivelmente, completas quanto aos anos de 1637 a 1653, com exceção dos de 1640 e 1646.

Pesquisas recentes têm revelado que foi maior do que se presume o número de uniões de estrangeiros, para aqui vindos quando da ocupação holandesa, com mulheres luso-brasileiras. E ainda que foram numerosos os estrangeiros do norte da Europa, inclusive holandeses, que se deixaram ficar em Pernambuco após a vitória dos naturais sobre os invasores e sua saída do Brasil.

De holandeses que permaneceram no Brasil são casos notáveis - embora na maior parte esquecidos - o de Gaspar van der Ley, casado com pernambucana desde antes de 1636, mas que a principio parece se ter mantido na religião reformada, pois serviu de testemunha de três batizados no Recife em 1634, 1638 e 1639; o de Albert Gerritsz Wedda, a quem o genealogista pernambucano Borges da Fonseca chama de Alberto Geraldo Veda, natural, segundo ele, da Alemanha e casado com Isabel da Asa, "natural de Pernambuco" e cujos filhos aportuguesaram o nome em Veda, como encontrei em autógrafos do século XVIII; o de Dirk van Hooghstraten,

da Zelândia, desde 1630 em Pernambuco, constando em 1637 o batismo de um filho seu, François, que é provavelmente o mesmo Francisco de Estrada - em "Estrada" se tinha amaciado, em bocas portuguesas, o Hooghstraten flamengo - "natural de Pernambuco", que em 1692 requeria mercê ao Rei de Portugal, alegando serviços do pai, que ocupara o posto de Mestre de Campo de um terço de infantaria da Bahia, onde faleceu em 8 de julho de 1675; Francisco de Brae, filho de Jacques, natural de Rotterdam, que se transferiu para a Bahia em 1657, com Francisco Barreto, onde faleceu em 1692 com numerosa descendência; Tomás Potts, inglês de New Castle ou de Londres, "cirurgião aprovado", casado com portuguesa, a serviço dos luso-brasileiros em Pernambuco desde 1645; um capitão "natural da Alemanha", cujo nome encontramos aportuguesado em "Bento de Farias" (Wensel Smit?), casado com Catarina Smits, "estrangeira", o qual servia aos holandeses e se passou para os portugueses com Hooghstraten, tendo falecido no ataque a Itamaracá em setembro de 1645, sendo que a viúva e uma filha permaneceram no Brasil; Tomás Colens, "escocês de nação", vindo com os holandeses para Pernambuco, "donde servia de trabalhador de caixas de açúcar e outras cousas semelhantes", casado e com um filho, ao qual o Mestre de Campo Francisco Barreto concedeu licença para ficar vivendo aqui, sendo ele de religião católica; François de la Tour francês, Sargento-mor do terço de Hooghstraten; Jean Vultrin, cujo nome aportuguesou-se em João Voltrim, francês, com descendência em Pernambuco.

Holandeses casados com mulheres luso-brasileiras houve vários, sendo os casos mais conhecidos o de Gaspar van der Ley, já referido, e o de Ana Pais, a qual, já viúva casou com Charles de Tournalon (o moço) e, falecido este, com Gijsbert de With. Dessas duas uniões de Ana Pais com estrangeiros hereges constam no livro de batismo os registros de três filhos: Isabela em 1643, filha de Tournalon, Cornélio e Elisabeth, filhos de With em 1647 e 1650 respectivamente. Casados na terra foram ainda Johan Wijnants, de Haarlem, cuja mulher era filha de Luciano Brandão, senhor de engenho em Goiana; George Gartsman, o qual, casado na Holanda com Engeltgen Jansdochter e com uma filha, que em 1635 contava 12 anos de idade, casou ou amancebrou-se no Brasil com luso-brasileira; Abraham Tapper, casado com Leonor Cabral. Casamentos de franceses com mulheres das terras e mamelucas estão mencionados no depoimento do judeu João Nunes Velho, preso pelo Santo Ofício em 1647, o qual, referindo-se a fatos ocorridos na Vila do Penedo, à margem do Rio São Francisco, e citando os que lhe deviam dinheiro, mencionou Jacques Machado, "francês da nação, casado com mameluca" e Manuel da Costa Pais, farinheiro morador na Ilha de André Soares, o qual "casou duas filhas com dois franceses".

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Jornal do Commercio**. Recife, 22jul., 1963